

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA COMUNIDADE DE AGRICULTORES FAMILIARES DE GOIÁS EM SITUAÇÕES DE RISCOS PELO USO DE AGROTÓXICOS

Relato de Experiência

Alessandro Silva de Oliveira¹

Marcos Vinícius Cardoso Souza Rezende²

Leandro Mesquita Marques³

Resumo

O estudo pretende a formação de conhecimentos no combate a situações de riscos pelo uso de agrotóxicos na lavoura. É desenvolvido em uma comunidade de agricultores familiares, do distrito de Joanópolis, Goiás. Consiste em uma pesquisa-ação de um núcleo de pesquisas, que busca favorecer o empoderamento dos sujeitos em vulnerabilidade. Nela, realizamos ações de intervenção, sendo a perspectiva crítica da Educação Ambiental a base teórico-metodológica que orienta a atuação. A partir dela, apresentamos as considerações sobre o processo inicial e delineamos aspectos favoráveis ao empoderamento.

Palavras-chave: Agrotóxicos; Agricultores; Educação Ambiental Crítica.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem origem da sinergia de pesquisa-ação desenvolvida, pelo Núcleo de Pesquisas e Estudos na Formação Docente e Educação Ambiental (NUPEDEA), junto a uma pequena comunidade de produtores familiares agrícolas, localizada no distrito de Joanópolis, município de Anápolis, em Goiás.

O estudo é realizado por graduandos em Química e Ciências Sociais do IFG, nos *lócus* onde trabalham os produtores. Como os dilemas socioambientais são foco de análise e discussões no Núcleo, logo apreendemos no entorno de Anápolis, situações de riscos vivenciadas pelos agricultores, que nos levaram à intervenção na comunidade. Constatamos elevados índices de

¹ Doutor em Ciências Ambientais, professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), Campus Anápolis. Coordenador do Núcleo de Pesquisas e Estudos na Formação Docente e Educação Ambiental (NUPEDEA), situados na Avenida Pedro Ludovico, Setor Reny Cury, s/n, Anápolis; e-mail: alessandroliveiraifg@gmail.com; webpage: www.laboliveira.com.br.

² Graduando no Curso de Licenciatura em Química pelo IFG/Campus Anápolis, Membro do NUPEDEA e Orientado em projeto de pesquisa no IFG/CNPq.

³ Graduando no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais pelo IFG/Campus Anápolis, Membro do NUPEDEA e Orientado em projeto de pesquisa IFG/CNPq.

câncer na localidade (DATASUS⁴), crianças e adolescentes trabalhando na lavoura, manuseamentos inadequados e uso indiscriminado de agrotóxicos, utilização de venenos proibidos, falta de equipamentos de proteção individual e pouco conhecimento sobre os produtos utilizados.

O baixo nível de conhecimento sobre práticas mais seguras corresponde ao principal problema no local e implica em riscos para a saúde dos trabalhadores. Logo, a constituição desses conhecimentos entre os agricultores, sobre os riscos pelo uso de agrotóxicos, corresponde ao objetivo principal do estudo.

Consideramos a informação principal dos principais meios. Concordamos que, a partir dela, as pessoas podem ter aumentadas as capacidades de identificar, analisar, exercer seus direitos, reivindicar a provisão de serviços, dentre outros exercícios de cidadania (SAITO, 2000; GUIMARÃES, 2004; LOUREIRO, 2012).

Nesse sentido, assumimos a perspectiva crítica da Educação Ambiental (PORTO-GONÇALVES, 2004; SAUVÉ, 2005a,b; JACOBI, 2005; REIGOTA, 2009; GUIMARÃES, 2007; CARVALHO, 2012; LOUREIRO, 2012). Acreditamos que a atuação do Núcleo junto aos agricultores, mediada pela visão crítica, pode se constituir em um processo relevante para formação das pessoas frente às situações de riscos.

Pelo diálogo com esses pressupostos teóricos, que norteiam nossas ações, consideramos que a Educação Ambiental crítica favoreceria o empoderamento dos agricultores (FRIEDMANN, 1992; GOHN, 2004; BAQUERO, 2012). Isso porque o desenvolvimento das capacidades de identificação, de análise e de ação, corresponde a aspectos fundamentais para a intervenção nas situações que acometem suas vidas.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida alternando reuniões de planejamentos de ações no NUPEDEA, com a execução delas no meio rural. A coleta de dados foi realizada pela observação com anotações em diário de campo, com registros por fotografias e filmagens, e com aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas (BOGDAN e BIKLEN, 1994; FLICK, 2009). Para a análise, escolhemos o método da Análise de Conteúdo de Bardin (2011) e recorreremos a técnica de categorização, bem como às quantitativas de análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mapeamos a existência de 26 “propriedades”. Destas, 19 participaram do estudo, totalizando 102 pessoas envolvidas: 59 adultos e 43 jovens. Cada núcleo familiar é constituído por 4 a 7

⁴ DATASUS é o nome do departamento de informática do Sistema Único de Saúde do Brasil. Corresponde a um órgão da Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa do Ministério da Saúde, que possui a responsabilidade de coletar, processar e disseminar informações sobre saúde.

membros, destes 54% são do sexo feminino e 46% do masculino. Todos os adultos questionados e 68% dos jovens acima de 10 anos trabalham na produção agrícola. A atividade é a única fonte de renda das famílias, e apenas 10% dos agricultores são proprietários da terra.

Os adultos têm faixa etária entre 25 e 72 anos, enquanto os jovens têm entre 11 e 19 anos. Em relação à escolaridade, 67% dos agricultores concluíram apenas até a primeira fase do ensino fundamental. Dentre os jovens, somente 37% com idade compatível para o ensino médio estão matriculados nesse nível de formação.

A maioria dos agricultores relataram sintomas de intoxicação e mencionaram casos de doenças na família, dentre elas o câncer. Nesse âmbito, em várias ocasiões percebemos adultos e jovens em meio à fumaça das pulverizações e com as roupas encharcadas de venenos.

Inferimos que os riscos são acentuados pela pouca informação, pois 95% dos produtores disseram que nunca participaram de cursos sobre o uso de agrotóxicos. Diante desse cenário, desenvolvemos materiais didáticos e organizamos encontros com a comunidade, no intuito de promover o empoderamento dos trabalhadores através da Educação Ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa-ação que realizamos, até o momento do estudo, já apreendemos aspectos que seriam favoráveis ao empoderamento dos agricultores. O crescente envolvimento nas atividades, a exposição de experiências vivenciadas com agrotóxicos, a explicitação de dúvidas e a solicitação de informações, são aspectos que remetem ao princípio desse fortalecimento. Consideramos, que essas evidências que emergem no processo de interação pela perspectiva crítica da Educação Ambiental, constituem-se nos primeiros passos de empoderamento das e pelas pessoas.

REFERÊNCIAS

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual. **Revista Debates**. v. 6, n. 1, p. 173-187, jan. 2012.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. 1. ed. Portugal: Porto, 1994.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Arned, 2009.

FRIEDMANN, John. **Empowerment: the politics of the alternative development**. 1. ed. Cambridge: Blackwell Publishers, 1992.

GOHN, Maria da Glória. Empowerment and community participation in social policies. **Saúde e Sociedade**. v. 13, n. 2, p. 20-31, 2004.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação ambiental: no consenso um embate?** 5. ed. Campinas: Papirus, 2007.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**. v. 31, n. 2, p. 233-250, 2005.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernado. **Trajatória e fundamentos da educação ambiental**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

SAITO, Carlos Hiroo. et al. Educação ambiental, investigação-ação e empowerment: estudo de caso. **Revista Linhas Críticas**. v. 7, n. 10, p. 31-44, 2000.

SAUVÉ, Lucie. Educação ambiental: possibilidade e limitações. **Educação e Pesquisa**. v. 31, n. 2, p. 317-322, 2005a.

_____. **Uma cartografia das correntes em educação ambiental**. In: CARVALHO, Isabel Cristina Moura; SATO, Michèle (Org.). Educação ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005b.